

Mais importados e menos empregos

A contribuição da nova classe C do Brasil para a desindustrialização e aumento nas importações

POR EDMIR KHAZAOHI

Introdução

ste artigo analisa a transformação da pirâmide econômica e social brasileira nos últimos anos, suas consequências e impactos na estrutura industrial do país. Esse mercado emergente, categorizado como classe C, incorporou parte do segmento de baixa renda, possui características e necessidades distintas, onerando no curto prazo a produção das empresas brasileiras e obrigando-as a optar pela importação de produtos básicos, semimanufaturados e manufaturados, para conseguirem manter a sua participação de mercado e retorno sobre seus investimentos. Esse fato é, na verdade, parte de uma tendência de transformação econômica mundial e se deve a uma série de ações irregulares do governo brasileiro pela necessidade política de curto prazo.



A estrutura industrial brasileira e sua desindustrialização

O processo de evolução e crescimento industrial está associado, diretamente, à transformação econômica e crescimento da renda *per capita*. Assim, fatores relacionados à política industrial, bem como a conjuntura externa,

contribuem para o avanço econômico do país, mas também impõem-lhe algumas limitações.

A política industrial de um país deve levar em consideração a gestão otimizada de recursos, no sentido de garantir um crescimento sustentado e contextualizado com as relações internacionais. Nesse aspecto, historicamente, a estrutura industrial brasileira tem evoluído para uma estrutura heterogênea intersetorial, constituída por um grande número de setores econômicos que não têm expressividade coletiva, como acontece com o mercado norte-americano, onde existe a indústria automobilística, por exemplo, que agrega e movimenta outros setores como o financeiro, pneumáticos, vídeo e aço.

Conforme estudo realizado pela Fundação Getulio Vargas (FGV), o panorama brasileiro, envolvendo os dez maiores setores econômicos, era, em 2008 e 2009, o seguinte (vide Quadro 1).

Quadro 1 Panorama brasileiro envolvendo os dez maiores setores econômicos, em 2008 e 2009

	Pré-crise (julho de 2008)	Pós-crise (dezembro de 2009)
PAPEL E CELULOSE	93,2	90,4
IATERIAL DE TRANSPORTE	92,5	88,5
ESTUÁRIO E CALÇADOS	86,9	87,1
IINERAIS NÃO METÁLICOS	89,3	86,6
PRODUTOS DE MATÉRIA PLÁSTICA	A 85,8	86,3
MECÂNICA	87,8	83,7
RODUTOS ALIMENTARES	84,6	81,6
ATERIAL ELÉTRICO	83,0	78,7
PRODUTOS FARMACÊUTICOS	71,7	72,9
NDÚSTRIA EM GERAL	86,2	83,8

Fonte: FGV

Quadro 2 Comparativo das exportações e importações brasileiras nos últimos 10 anos

Ano	Exportações	Importações	GREUTZON
2001	58.223	55.602	
2002	60.362	47.243	
2003	73.084	48.326	
2004	96.678	62.836	Dirk Ercke
2005	118.529	73.600	THE REPORT OF THE PARTY OF THE
2006	137.808	91.351	J I II
2007	160.649	120.627	
2008	197.942	172.895	6-2
2009	152.995	127.722	
2010	201.915	181.649	

Fonte: Autor, a partir das balanças comerciais de cada ano.

A transformação da pirâmide econômica pressiona os diferentes segmentos da economia, considerando a cadeia de valores, onde existem fornecedores, produtores, distribuidores e clientes com novas necessidades.

Hoje, parte do mercado – a emergente classe C – está consumindo mais, entretanto, as empresas não estão preparadas para atender a essa mudança repentina de consumo.

Pelo Quadro 1, constatamos que os maiores setores econômicos estão trabalhando abaixo do seu nível de produção, optando por não deslocar investimentos e sim importar matéria-prima e outros produtos. A Nestlé, por exemplo, optou pela importação de parte do que comercializa no país.

A iniciativa privada deve aumentar seu nível de investimento no sentido de atender, de forma mais pontual, às diferentes necessidades do mercado e não apenas importar produtos básicos, semimanufaturados e manufaturados, substituindo a produção interna (Quadro 2).

Como resultado, o país tem enfrentado, nos últimos anos, um expressivo aumento na pauta de importações, proporcionalmente superior ao crescimento das exportações. E as exportações brasileiras, nos últimos anos, têm demonstrado perda de qualidade, com o aumento da participação de *commodities* em detrimento da diminuição de produtos acaba-

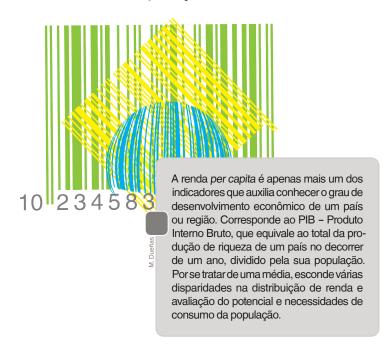
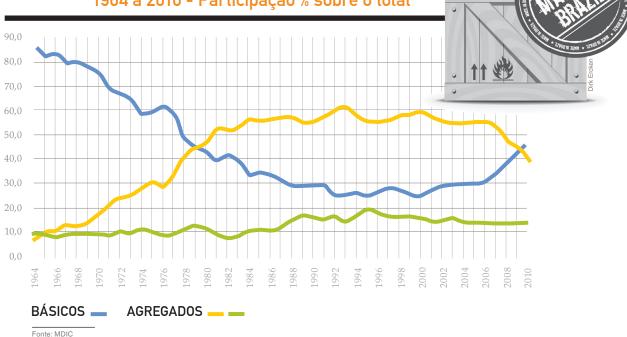


Gráfico 1 Exportações brasileiras por fator agregado 1964 a 2010 - Participação % sobre o total



dos. Inversamente, temos a importação cada vez maior de produtos agregados e a diminuição de produtos considerados básicos, como aponta o Gráfico 1.

Além disso, a estrutura industrial brasileira possui uma forte heterogeneidade intersetorial. O desempenho industrial brasileiro mostrou, nos últimos anos, a capacidade de reação do setor produtivo nacional frente às constantes transformações e mudanças econômicas internacionais.

Tais fatores, além do custo-país, estão levando então ao fenômeno da "desindustrialização", apressada pelo aumento de consumo da chamada classe C. Paralelamente a isso, o Brasil impôs, nos últimos oito anos, um discurso mais popular, no sentido de garantir uma estabilidade pseudo-econômica e política, esquecendo ou omitindo outras consequências e impactos de suas ações.

Outras economias, como, por exemplo, a chinesa, estão passando pelo mesmo processo. Entretanto, no caso chinês, existe um planejamento no sentido de garantir um crescimento econômico sustentado, aliado a práticas de curto e médio prazos do governo, como o controle cambial que incentiva a produção para a exportação e não motiva as importações.

Conclusões

Existe a necessidade de contemplar essa tendência de mercado com empreendedorismo e inovação em todos os níveis, uma vez que se trata de um importante segmento de consumo em evolução e com desdobramento no médio e longo prazos. O grande desafio empresarial é a adaptação frente às ações do governo, que não são lineares e nem têm foco especifico, até em decorrência da nossa própria estrutura industrial. Em passado recente, por exemplo, o governo favoreceu o consumo de automóveis e eletrodomésticos, em decorrência do cenário pós-crise internacional.

Se até o momento o governo federal não criou alguma regra mais contundente para as importações, é de seu conhecimento que poderá haver um nível interno de desabastecimento e consequente aumento de preços, refletindo no índice de inflação. A economia brasileira, então, se encontra dentro de um paradoxo que somente o tempo e as ações privadas poderão se impor para um real crescimento sustentado.



EDMIR KUAZAQUI

Doutor e mestre em Administração (linhas de pesquisa: Marketing, Recursos Humanos e Comércio Exterior). Pós-graduado em Marketing e professor da ESPM. Autor de livros, consultor e presidente da Academia de Talentos.